RESSIGNIFICAR HISTÓRIAS DE VIDA NAS AULAS DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

RESIGNIFYING LIFE HISTORIES IN HISTORY OF EDUCATION CLASSES

Edla Eggert [1]
Maria da Graça Leão[2]
Joice Oliveira Pacheco[3]
Amanda Motta Angelo Castro[4]

Viver como ser humano é agir sobre si mesmo e sobre seu mundo com inteligência e liberdade. Tomar em suas mãos a tarefa de organizar a própria vida e as condições em que ela se desenvolve e conduzi-la sob responsabilidade própria é o que, hoje, denominamos educação. (Mario Osório Marques, 1996, p.51)

Resumo: Acreditamos que as instituições de ensino preocupam-se em formar profissionais da educação autônomos. Nessa perspectiva, esse artigo apresenta um projeto pedagógico de prática de sala de aula, com estudantes do Curso de Pedagogia, que vem sendo desenvolvido por meio de narrativas (auto)biográficas com base em princípios da pesquisa formação, de Marie-Christine Josso, que relacionamos aos conteúdos de História da Educação e aos estudos de gênero. Analisamos a importância do conhecimento de teorias feministas que apontam para outras formas de ensinar e pesquisar a história a fim de que a docência produza a consciência de gênero. Sinalizamos para a riqueza das narrativas que organizam e produzem um caminho para si na aprendizagem do *estar sendo professora*.
Palavras-Chave: autonomia; (auto)biografia; pesquisa-formação.

RESIGNIFYING LIFE HISTORIES IN HISTORY OF EDUCATION CLASSES

Abstract: We believe that educational institutions should be concerned about forming autonomous professionals. In this perspective, this article presents a pedagogical project used in the classroom setting, with Pedagogy students, that is being developed through (auto)biographical narratives based on the principles of Marie-Christine Josso's formation research method, which we relate to the History of Education contents and gender studies. We analyze the importance of the knowledge of feminist theories that point to other ways of

[1] Professora no PPGEdu UNISINOS, Pedagoga, Drª em Teologia, Bolsista Produtividade CNPq, nível 2, egbert@terra.com.br
[2] Licenciada em Letras-UNISINOS e Mestre em Educação pelo PPGEdu UNISINOS, mgraleao@terra.com.br
[3] Licenciada em História-UNISC e Mestre em Educação pelo PPGEdu UNISINOS
[4] Pedagoga, Mestranda em Educação pelo PPGEdu UNISINOS. mottaamanda@yahoo.com

Artigo recebido em junho de 2010; aprovado em agosto de 2010

teaching and researching history so that the process of teaching produces gender awareness. We point out the richness of the narratives that organize and produce a way to oneself in the learning process of *being a teacher*.
Keywords: autonomy; (auto)biography; research-formation.

As narrativas (auto)biográficas na sala de aula: histórias de vida na história da educação

Na atividade de História da Educação do curso de Pedagogia da Unisinos buscamos realizar o exercício da autoria por meio da narrativa (auto)biográfica, apresentando os conteúdos por meio de metodologias provocadoras para que as estudantes experimentem um "caminho para si". Entendemos o processo formador como aquele que possibilita, efetivamente, desencadear movimentos capazes de constituir a autonomia das mulheres e dos seres humanos em geral.

Utilizamos alguns princípios da proposta de Josso (2004), denominada de pesquisa-formação na produção de histórias de vida, aliando os conteúdos da disciplina à reflexão de gênero, visto que a referida turma é de um curso de licenciatura e tem como seu maior objetivo formar pedagogas(os) - professoras e professores. Essas pessoas trabalham ou trabalharão na educação de meninos e meninas que se tornarão homens e mulheres, como nos lembra Simone de Beauvoir (2009). As alunas, em sua maioria, são jovens professoras na faixa dos vinte anos que já trabalham com crianças em escolas de educação infantil, creches ou no ensino fundamental na rede municipal, estadual e particular de ensino. Vimos que essa maneira de trabalhar seria uma possibilidade para o exercício ser direcionado às questões de gênero, pois ao refletirem e narrarem sobre si como mulheres e educadoras, a narrativa autobiográfica poderia constituir-se como um espaço de protagonismo do debate sobre o que significa pensar a autonomia das mulheres. É, sem dúvida, uma proposta que vem no rastro de muitas experiências metodológicas que grupos de mulheres feministas vêm fazendo, desde a década de setenta, em todo o mundo. Essas metodologias constituíram uma prática política das mulheres se enxergarem produtoras de autonomia. Ou seja, contarem as suas histórias para que sejam primeiramente reconhecidas por elas mesmas.

Remetemo-nos para três experiências distintas em três semestres, entre os anos de 2007 e 2009, em que tivemos a participação de mestrandas realizando seu estágio docência e

simultaneamente produzindo pesquisa empírica. Dessa forma, reunimos alguns elementos a essa "simples sala de aula de graduação", pois nossa pesquisa versa[5] sobre processos de ensinar e aprender em dois lugares distintos: um formal e outro não formal, e a disciplina de História da Educação na graduação reuniu o ensino e a pesquisa. Estávamos concretizando a nossa investigação em um lugar formal, ou seja, a sala de aula. Iniciamos com: a) Maria da Graça Leão, que acompanhou o primeiro semestre de 2007 e com ela realizamos um trabalho sistemático de pensar narrativas que pudessem produzir um caminho para si, bem dentro do recorte de Josso (1999, 2004, 2007); b) Joice Pacheco, que realizou o seu estágio no primeiro semestre de 2008 e pautou sua pesquisa sobre vários questionamentos que surgiram com base nas narrativas produzidas no primeiro dia de aula pelas alunas, inquietou-se com a seguinte questão: quais eram de fato os avanços na liberdade das mulheres por meio da educação? E, para isso, se utilizou de um estudo mais aprofundado da obra de Maria Lacerda de Moura, que tratou desse tema no século XX; e c) Amanda Motta Angelo Castro, que realizou o estágio no segundo semestre de 2009 e contribuiu com a produção de leituras sobre as teorias feministas e o porquê do 'esquecimento' delas na formação docente. Passaremos a narrar o primeiro grupo como uma forma de ilustrar o que temos como proposta geral de um semestre, por isso essa primeira narrativa será mais detalhada no método de trabalho, enquanto que nos outros dois grupos nos remeteremos a aspectos distintos observados como destaques que compõem a complexidade do que temos chamado de *tramas do ensinar e do aprender*.

Com a primeira turma e a primeira estagiária, a proposta da narrativa (auto)biográfica em sala de aula foi apresentada por meio de um "contrato didático" que, segundo Marilda Behrens, seria um "acordo público, no qual se explicita o que se pretende que os alunos aprendam e quais as responsabilidades do professor e dos alunos nesse processo de compromisso e compartilhamento." (2006, p.107). O projeto intitulou-se "*História da Educação sob a perspectiva da narrativa autobiográfica*", e o exercício foi previamente discutido e negociado entre a professora e as alunas. Desafio posto, as alunas teriam de construir um texto pessoal, trabalhando os conteúdos da História da Educação juntamente com a história da sua vida, enfocando sua formação, como estudantes, mulheres e profissionais. Conforme as tarefas iam sendo propostas, a escrita do texto ia se construindo. O

[5] Temos uma pesquisa em andamento que iniciou com uma primeira etapa (2007-2009) chamada Pedagogia da tecelagem: tramas do ensinar e do aprender (...) financiada pela FAPERGS e Unisinos e que agora está no seu segundo momento com o seguinte título: A narrativa de processos autoformadores de tecelãs - construindo *novos* debates para a EJA, financiadas pelo CNPq e pela Unisinos.

primeiro texto foi uma descrição do seu cotidiano, um relato de como é um dia normal na sua vida. O segundo texto foi proposto após as alunas assistirem ao filme "Essa não é minha vida", de Jorge Furtado (1997), que narra a história de Noeli, uma mulher que luta para conseguir realizar seu sonho, casar e ter filhos. Nessa escrita, elas compararam sua vida com a da protagonista. Essa atividade desencadeou não só uma olhar para o passado, pois muitas contaram sua história de vida, como também um olhar para o presente, quando refletiram sobre como são e, ainda, para o futuro, expressando seus anseios e planos de vida. Nesse curta gaúcho, muitas das alunas fizeram ligações entre a história de Noeli e a sua história, pois muitas delas são do interior do estado do Rio Grande do Sul, têm sotaque de origem alemã, foram empregadas domésticas, já namoraram com homens negros que, assim como Noeli, presenciaram os preconceitos e os choques culturais entre a vida rural e a vida urbana.

Outra atividade em aula foi a de ler, a cada início das aulas para as alunas, um capítulo do livro "Bisa Bia, Bisa Bel", da escritora Ana Maria Machado (1998), livro que recebeu vários prêmios importantes. Trata da história da menina Isabel que, ao encontrar uma foto da sua avó Bia, passa a conhecer o contexto do passado, a compará-lo com o presente e a pensar no futuro, enfatizando o comportamento da mulher. A leitura foi, aos poucos, incitando a imaginação das alunas, tanto que algumas trouxeram as fotos das avós. Essa perspectiva da imaginação está acoplada com o que Eggert (1999) propõe na releitura de clássicos da educação por meio da hermenêutica feminista que, com o uso da imaginação, busca desencadear outras narrativas na releitura de textos na educação.

A partir de um texto da professora, Eggert (2004), conheceram a história de quatro mulheres que revolucionaram o contexto da educação das mulheres: a francesa Olympe de Gouges, que enviuvou cedo e resistiu à pressão da família para que se casasse novamente e, na luta pelos seus ideais, foi autora da "Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã" em 1791; a inglesa Mary Wollstonecraft, contemporânea de Olympe, foi jornalista, ativista, professora que conseguiu realizar mudanças no currículo escolar, publicou o livro "Reivindicação dos Direitos da Mulher"; a norte americana Elisabeth Cady Stanton, filha de um juiz, desafiou seu pai que dizia que as mulheres não tinham direito a nada, escreveu a "Bíblia das Mulheres"; e, finalmente a brasileira Nísia Floresta Brasileira Augusta que, conforme os costumes da época, casou muito cedo, mas anulou seu casamento voltando a casa paterna e juntamente com toda a família mudou-se para Recife onde conheceu o homem da sua vida. Mudou-se novamente para Porto Alegre, teve dois filhos, traduziu o livro de Mary

Wollstonecraft, enviuvou e então tornou-se professora. Por volta de 1834, foi morar no Rio de Janeiro e fundou uma escola para moças em que introduziu um currículo diferente do usual, que comportava apenas o ensino de boas maneiras e prendas domésticas. Os conhecimentos, que até então apenas eram ensinados para os moços, trouxeram profundas mudanças na educação das mulheres na capital brasileira.

As alunas, em duplas, pesquisaram sobre essas mulheres enfocando a experiência subversiva em relação ao modelo feminino da época e, a seguir, discutiram, com a técnica GV-GO (Grupo de Verbalização e Grupo de Observação), sobre a importância dos feitos e das escritas dessas mulheres e, sobre a condição das mulheres atualmente, envolvendo algumas questões como: a postura da mulher frente à vida, o que é o feminino, a ditadura da beleza imposta às mulheres principalmente pela mídia, a questão do trabalho feminino, a família e os filhos, a posição da mulher em relação ao homem, a tradição de agregar o sobrenome do marido, a divisão de tarefas no casamento, a dificuldade de sair, a opção de ser dona de casa, a busca de igualdade de direitos, a violência contra a mulher. As alunas avançavam debatendo as referidas questões, e as situações, tanto as de confronto quanto às de entendimento, foram encaradas como um exercício oral, preparatório e facilitador para a escrita reflexiva e crítica.

A leitura seguinte, para embasamento teórico, foi o texto de Marta Eliane Teixeira Lopes (1986), "As relações da História da Educação com a História e com a Educação" que aborda questões pertencentes à História da Educação, como o estudo dos problemas, pesquisas e escrita da história e da educação. A autora integra neste trabalho um inventário da bibliografia disponível, procurando indicar caminhos para a resposta à questão "Qual história e qual educação?" Ela salienta a palavra integrar e não completar, dando a idéia não de um trabalho pronto sobre a História da Educação, mas sim de algo provisório, precário, incompleto. O texto relata, ainda, os desafios que ainda persistem na pesquisa no campo da educação no Brasil.

A seguir passamos para a leitura da história da educação na Idade Média. As alunas foram à biblioteca, acompanhadas da professora, e pesquisaram em livros diversos. Além de elas lerem sobre esse período, também assistiram ao filme "O nome da Rosa" que mostra, no contexto da Idade Média, as questões educacionais relacionadas ao acesso ao conhecimento e à exclusão da mulher desse espaço.

O desafio de ler a História da Educação pensando o micro e o macro exigiu muita paciência e explicações constantes por parte da professora. Essa observação tornou-se instigante após tantas repetições, visto que a proposta já estava bastante esclarecida, tanto que

o fato intrigou algumas alunas. Essa reação pode ser considerada um dado revelador de que há, sim, resistência por parte das mulheres em pensar e escrever sobre si mesmas, sobre sua história de vida e sua condição feminina e há dificuldade em se autorizarem a isso. Notoriamente esse exercício constituía-se numa prática inovadora, denunciando nossa formação escolar com pouca prática de escrita, principalmente como produtoras de nosso próprio texto.

Na primeira entrega do texto escrito, pudemos avaliar a produção ao longo do processo, no qual observamos como as alunas foram participantes ativas. Elas identificaram conteúdos e revelaram sobre si daquilo que, para elas, foi mais importante. O retorno dos trabalhos às alunas foi realizado com atendimento individual, a fim de orientá-las a superar dificuldades e encorajá-las para seguirem compondo o texto final, no qual esperamos encontrar as partes vistas no todo, com a reflexão de cada uma sobre sua aprendizagem.

As propostas didáticas fizeram com que as alunas ficassem bastante à vontade para exporem suas dúvidas, expressarem suas idéias, numa relação de muita proximidade. Foi visível que o processo de amadurecimento das alunas e dos textos produzidos envolveu não apenas aspectos cognitivos e sociais, mas também aspectos afetivos. O que para Josso significa a concretização do 'caminho para si'.

Com a participação da segunda mestranda estagiária na turma de História da Educação, do curso de pedagogia, a proposta da descrição, pelas alunas, de um dia na vida delas foi bastante impactante. Joice, a estagiária, não só se enxergou nas narrativas das alunas, mas produziu um distanciamento necessário a fim de elaborar a sua pergunta de pesquisa para o mestrado. A leitura dos relatos foi uma experiência de impacto, que de certa forma paralisou por várias vezes o pensar de mestranda e acenou que havia algo que não poderia ser perdido, algo nas entrelinhas daqueles cotidianos que precisava ser visibilizado e compreendido. Aqueles relatos a incomodaram e desacomodaram.

Será que a educação de fato libertou as mulheres? Animada pelas leituras sobre mulheres como Mary Wollstonecraft, Olympe de Gouges, Elizabeth Cady Stanton e Nísia Floresta, Joice chegou à outra mulher brasileira, professora do século XX: Maria Lacerda de Moura.

As obras de Maria Lacerda de Moura apresentam reivindicações pelos direitos das mulheres, defendendo, entre outras coisas, o acesso das mulheres à educação. A autora acreditava na força da educação escolar pelo fato de sua trajetória ter sido muito marcada pela

oportunidade do acesso à educação. Educadora, professora, escreveu e publicou em um tempo que raras eram as mulheres que tinham acesso a algum tipo de educação e cultura intelectual. Maria Lacerda de Moura foi mulher educada e emancipada dentro da sociedade machista, que desprezava a participação política das mulheres, os pensamentos e saberes femininos. Ela lutou pela igualdade de direitos entre os sexos, pela liberdade econômica das mulheres, para que tivessem poder sobre si mesmas e sobre seus corpos.

O estudo dos textos de Maria Lacerda de Moura revelou um pensamento bastante complexo e abrangente acerca da emancipação feminina, pensamento este que a autora construiu a partir do olhar sobre a condição feminina das mulheres à sua volta no início até meio do século XX. Numa sociedade que se transformava, sob todos os aspectos, em que se acentuavam as desigualdades sociais e econômicas entre os diferentes grupos, Lacerda de Moura pôde perceber diferentes formas de opressão. A sua compreensão de emancipação feminina foi construída a partir de um conjunto particular de concepções ideológicas, teóricas, religiosas, políticas, atravessada por experiências particulares e influenciada por estudos que lhe eram contemporâneos no âmbito da medicina, da biologia, da educação, etc.

Maria Lacerda de Moura possuía um ideal de emancipação que ultrapassava a conquista de direitos civis para as mulheres, os quais eram tão defendidos pelos movimentos feministas à época, e observava, inclusive, uma problemática em torno do próprio feminismo enquanto movimento político comprometido com a emancipação da mulher, denunciando certa confusão/distorção:

> Ocupar posição de destaque em qualquer repartição pública, viajar só, estudar em escolas superiores, publicar um livro de versos, ser "diseuse" ou "dictriz" divorciar-se três ou quatro vezes pelas colunas do "Para-Todos", atravessar a nado o Canal da Mancha, ser campeã de qualquer esporte – tudo isso constitui as "vitórias do feminismo", vitórias que nada significam perante o problema humano da emancipação da mulher.
>
> É tática bem manejada pela civilização unissexual: enquanto as mulheres se contentam com essas vitórias, ***a sua verdadeira emancipação*** é posta de lado ou nem chega a ser descoberta pelos tais reivindicadores de direitos adquiridos. (Moura,1932, p. 37-38, grifo meu)

Ao anunciar a "verdadeira emancipação", Lacerda de Moura alertava para a importância de um projeto específico de emancipação feminina e nos permitiu pensar na existência de uma idéia equivocada de emancipação, a qual não levaria à "libertação" da mulher. Seu pensamento, estudado à luz da hermenêutica feminista, e a partir do estranhamento provocado pelas narrativas das alunas da História da Educação, colocava-se atual, nos desafiando a pensar a condição de gênero das mulheres na nossa sociedade

contemporânea tendo em vista os direitos requeridos e alcançados de lá para cá. As narrativas das alunas, que eram particulares, mas que eram também comuns e representativas da mulher enquanto grupo social instigavam-nos a compreender a condição opressora que ainda persiste, apesar das conquistas, as quais, se esperava, trouxessem junto liberdade. Por esta razão, é importante deixar claro o que nós, hoje em dia, queremos dizer quando falamos em *emancipação feminina*, e qual concepção de emancipação e idéia de liberdade a que nos referimos.

Lacerda de Moura tinha consciência de que a opressão feminina assumia formas e intensidades distintas, dada a condição social. Na leitura que fazia, acreditava que assim como o direito ao sufrágio, a inclusão das mulheres no mercado de trabalho não era uma conquista das lutas feministas, mas um consentimento social, este último resultante da necessidade da mão-de-obra feminina e, por isso, não operava grandes mudanças nas relações sociais. Ela entendia que, enquanto se contenta com o "feminismo de votos" e com o "feminismo de caridades", "a mulher se esquece de reivindicar o direito de ser dona de seu próprio corpo, o direito da posse de si mesma.[6]" Enquanto isso, defendia: "A verdadeira emancipação é o domínio próprio e o respeito à liberdade e à vida" (1932, 167).

Joice realizou leituras de Marcela Lagarde y de los Ríos (2005) e as aproximou a Maria Lacerda de Moura. Lagarde y de Los Rios denomina "*cautiverio*" a expressão político-cultural que define a condição da mulher a que Maria Lacerda de Moura, um século antes, já se referia. Para Lagarde, as formas de ser mulher nesta sociedade e em suas culturas constituem cativeiros nos quais sobrevivem criativamente as mulheres ***na opressão***. A autora assinala que

> Las mujeres están sujetas al cautiverio de su condición genérica y de su particular situación, caracterizadas por formas particulares de opresión genérica. El cautiverio de las mujeres se expresa en la falta de libertad, concebida esta última como el protagonismo de los sujetos sociales en la historia, y de los particulares en la sociedad y en la cultura. (Lagarde y de Los Ríos, 2005, p. 37)

[6] Trecho extraído do artigo "Feminismo? Caridade?" escrito por Maria Lacerda de Moura em 1928, para o jornal *O Ceará*, de Fortaleza. Disponível em http://www.nodo50.org/insurgentes/textos.htm#mulher. Acessado em 22/05/2010.

Para Lagarde, as mulheres "están en el Estado en la desigualdad objetiva frente a una supuesta igualdad jurídica, están como minoría política, a pesar de su mayoría social" (2005, p.98). Para ela a opressão das mulheres se funda na desigualdade econômica, política, social e cultural das mulheres e se define por um conjunto articulado de características marcadas na situação de subordinação, dependência vital e discriminação das mulheres em sua relação com os homens, no conjunto da sociedade e do Estado.

Guardadas as peculiaridades de cada autora, de cada estudo e de cada época, Maria Lacerda de Moura, assim como Marcela Lagarde, reconhece que a cultura constrói a feminilidade e a sexualidade feminina em torno do princípio de ser o corpo da mulher um "corpo-para-outros" Lagarde (2005). Lacerda de Moura também reconhece, de certa forma, alguns dos "cativeiros" trazidos por Lagarde (2005). Podemos relacionar, por exemplo, o cativeiro da puta, de Lagarde, com o lugar [social e simbólico] da prostituta, trazida por Lacerda; o cativeiro da louca, com o lugar reservado à solteirona, a histérica no dizer de Lacerda; e o cativeiro da *madresposa* com as mulheres casadas, com ou sem filhos.

Lacerda de Moura denunciou o que chamava de "escravidão sexual" e defendeu o direito da mulher ao conhecimento e controle da sua sexualidade. Numa linha de pensamento que converge com o estudo de Marcela Lagarde (2005), ela denunciou que "a mulher não é dona do seu próprio corpo, e, ainda agora, não sabe ser, não quer ser" (Moura, 1932, p.150).

> A literatura, as religiões, a astúcia masculina criou e a cretinice feminina aceitou e repete, gostosamente, as expressões: belo sexo, rainha, deusa, santa, anjo, sexo sentimental, tantas outras palavras criadas para afastar a razão feminina do verdadeiro sentido da vida. (...) Palavras doces, delicadas, diáfanas, envolventes, mas, a literatura e a religião se esqueceram de que essas expressões não conseguem extirpar a necessidade fisiológica que a natureza teve a preocupação de pôr nos órgãos da multiplicação da espécie. Anjos, deusas de carne e osso, sem asas imponderáveis, porém, com órgãos exigentes como todos os dos outros animais. (1932., p. 150-151)

Na produção textual de Joice, o estudo cuidadoso de partes da obra de Maria Lacerda de Moura contribui para que na história da educação possamos retomar textos à luz da hermenêutica feminista. E nessa empreitada, as narrativas (auto)biográficas tornam-se fontes importantes de conhecimento do cotidiano e das experiências das mulheres, e delas partimos com as perguntas a fazer aos textos, e a elas voltamos [tantas vezes quanto forem necessárias] na tentativa de construir e re-criar novas possibilidades para as mulheres na busca de um caminho para si, menos opressor e mais livre.

E, finalmente, com a participação de Amanda no estagio docência, fomos aprofundando a pedagogia de formar projetos de estudos que estabeleçam diálogos com o conceito metodológico da (auto)biografia com os estudos feministas.

Ainda mais envolvidas e, porque não dizer, enredadas com os estudo da tecelagem e seus processos de ensino e aprendizagem, escolhemos textos que reuniram uma série de temas na direção das professoras e suas experiências em escolas pelo Brasil afora. No semestre do estágio de Amanda, optamos em novamente propor para as alunas descreverem um dia das suas vidas e, com base nessa descrição, compusemos um horizonte de estudos que envolviam a visão mais ampla da História da Educação e simultaneamente, a visão mais (auto)biográfica, ou seja, micro da História da Educação.

No primeiro texto intitulado *Os fios de Penélope: a mulher e a educação feminina no século XIX*, a autora Maria Cristina Soares de Gouvêa apresenta diversos cenários e estratégias da educação da mulher brasileira em diferentes tempos e espaços. Da mesma forma, verificamos o processo de feminilização do magistério e como tem se dado à assunção da categoria gênero nos estudos da educação brasileira.

No segundo texto intitulado "Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios" de Charles Wright Mills, o autor defende a tese de uma "união" entre duas instâncias vistas como "incompatíveis": o trabalho intelectual e o trabalho artesanal. Mills argumenta que

> O conhecimento é uma escolha tanto de um modo de vida quanto de uma carreira; quer o saiba ou não, o trabalhador intelectual forma-se a si próprio à medida que trabalha para o aperfeiçoamento de seu ofício, para realizar suas próprias potencialidades, e quais oportunidades que surfam em seu caminho, ele constrói um caráter que tem como núcleo as qualidades do bom (sis) trabalhador (sis) (MILLS, 1959 (2009), p.22)

O autor aborda a questão da experiência afirmando que: "Dizer que você pode ter experiência, significa, por exemplo, que seu passado influencia e afeta seu presente, e que ele define a sua capacidade futura" (MILLS, 1959 (2009), p.22).

Amanda e esse terceiro grupo analisaram a articulação entre a história das alunas do curso de Pedagogia, aspectos historiográficos e metodológicos da pesquisa em História da Educação e pensaram as próprias histórias e experiências como um valor único para pensar o "macro" da história da educação. O caldo disso, em especial para Amanda, foi *tramar* aspectos que vivenciávamos em nossa pesquisa sobre tecelagem, educação de mulheres e o

atravessamento das experiências religiosas que todas nós e as tecelãs em especial também vivenciávamos no ateliê naquele semestre. A educação das mulheres para um imaginário do *pensamento mágico* ilustrado por Marcela Lagarde y de Los Rios (2005).

As narrativas autobiográficas: a temporalidade e a memória

Conforme Jovchelovich & Bauer (apud Abrahão, 2006), as narrativas de si ressignificadas pelo emprego do método autobiográfico apresentam algumas características que se relacionam à realidade propriamente dita e à representação dessa realidade:

> A narrativa privilegia a realidade do que é experienciado pelos contadores de histórias.
> As narrativas propõem representações/interpretações particulares do mundo.
> As narrativas não estão abertas à comprovação e não podem ser julgadas como verdadeiras ou falsas: elas expressam a verdade de um ponto de vista, de uma situação específica no tempo e no espaço.
> As narrativas estão sempre inseridas no contexto sócio-histórico. Uma voz específica em uma narrativa somente pode ser compreendida em relação a um contexto mais amplo: nenhuma narrativa pode ser formulada sem tal sistema de referentes. (Jovchelovich & Bauer apud Abrahão, 2006, p.150).

Outra característica das narrativas é apresentada por Bolívar (apud Abrahão, 2006, p.150) e destaca a temporalidade. "Temporalidade e narração formam um todo: o tempo é constituinte do significado. As narrativas individuais e culturais estão inter-relacionadas." Também se apresenta no tempo pensado/vivenciado uma perspectiva tridimensional, onde se imbricam o presente, o passado e a expectativa do futuro.

O fator "tempo" está diretamente implicado na arte da narrativa. Em "O Narrador", Benjamin (1985) afirma que a arte de narrar está em extinção e esse processo não pode ser visto apenas como um "fenômeno de decadência", nem como um sintoma do "moderno". Para ele, essa tendência revela um descrédito no hábito de se trocar experiências, visto que a narrativa mantém uma estreita relação com a transformação da experiência humana. Nas sociedades artesanais medievais, o trabalho era manufaturado, o ritmo de vida era mais lento, se comparado aos dias atuais, e a tradição oral era mantida pela narração de histórias, que também era uma forma de dar conselhos. Dessa forma articulavam trabalho, ato narrativo, tradição e memória.

Abrahão salienta que o ato narrativo se estriba na memória do narrador e, portanto, a significação que o narrador dá ao fato no momento de seu acontecimento é ressignificada no momento da enunciação desse fato, em virtude de que a memória é reconstrutiva, além de ser seletiva. A memória não intencionalmente seletiva ocorre em situações nas quais os narradores guardam na memória fatos, pessoas, relações, situações a que tinham atribuído

significação relevante no momento em que os vivenciaram, mas não lhe atribuíram o mesmo valor no momento de enunciá-los. Uma segunda expressão da memória seletiva ocorre intencionalmente quando o narrador seleciona a informação, ou para não lembrar-se de fatos desagradáveis (muitos lembram situações de sofrimento ou porque acham que tais fatos não deviam vir a público), ou para agradar às pesquisadoras, ou seja, os narradores têm um pressuposto daquilo que, na perspectiva deles, elas gostariam de ouvir (Abrahão, 2006).

Assim, ao pensarmos as questões relacionadas ao gênero, podemos afirmar o quanto os 'condicionantes' fomentam um modo de aprender a ser mulher e homem na sociedade. O micro de cada história narrada em sala de aula ou pelo menos no texto autobiográfico revelava uma condição que, em geral, indicava mulheres buscando um caminho de buscas. Lemos histórias de mulheres que retornam ao ambiente escolar, no caso a universidade, depois de 'criarem' seus filhos e então se sentirem autorizadas a fazerem algo para si mesmas. Não sem antes terem de enfrentar, muitas vezes, maridos ciumentos ou inseguros e, com isso, moverem forças internas desconhecidas para construir um caminho de autoconhecimento. Como processo de ressignificação do vivido, Abrahão salienta que as (auto) biografias, sendo constituídas por narrativas em que se desvelam trajetórias de vida, é processo de construção que tem a qualidade de possibilitar maior clarificação do conhecimento de si, como pessoa e como profissional, àquele que narra sua trajetória. (Abrahão, 2006, p.161).

Encontramos alunas que, aos poucos, focalizaram o prazer de descobrir o conhecimento e articulá-lo em palavras escritas. A questão da temporalidade e da memória histórica das alunas parece que foi introduzida pelo exercício de dizer-se a partir dos textos lidos e estudados em grupo para finalmente serem analisados individualmente na perspectiva de relacionar o (auto)biográfico com a História da Educação.

A narrativa autobiográfica e as metodologias feministas e de pesquisa-formação

Ao abordar a narrativa escrita, tanto as metodologias feministas quanto a metodologia de pesquisa-formação inscrevem-se na corrente das metodologias hermenêuticas de pesquisa, pois estabelecem um saber compreensivo sobre a interpretação intersubjetiva de um material lingüístico que evoca a interioridade dos sujeitos, ou seja, as representações, as idéias, os sentimentos, as emoções, o imaginário, os valores, os projetos e as buscas que o constituem.

Segundo estudiosas feministas que temos estudado como Perrot (2005), Fiorenzza (1992, 2009), Anzaldua (2000), Gebara (2008), Chopp (1995) as narrativas que traduzem as

experiências das mulheres, revelam saberes e conhecimentos que em grande medida foram excluídos dos parâmetros epistemológicos formais. De maneira que, na medida em que criarmos por meio de pesquisas que visibilizam e teorizam essas experiências marginais, provocaremos diferentes e novas formas de conhecer, ensinar e aprender modos de produzir conhecimento em que politicamente as mulheres estejam presentes por meio das suas experiências e seus modos de ler/ver o mundo.

E foi com base nesse embate político de reler a história da educação incluindo a experiência das mulheres por meio de hermenêuticas feministas que tramamos a inclusão da pesquisa-formação de Josso (2004, 2007, 2008) no ato de produzir as histórias de vida, em perspectivas que, a nosso ver, se aproximam profundamente.

> A narrativa escrita apresenta-se, então, como uma tentativa de dar acesso a um percurso interior que evolui correlativamente para um percurso exterior, caracterizado por acontecimentos, atividades, deslocamentos, relações contínuas e encontros, pertenças, etc. É precisamente na exposição por meio da linguagem das componentes objetivas deste itinerário exterior que se exprime, implícita ou explicitamente, o olhar lançado sobre ele e as dimensões sensíveis que dão cor a essas vivências ou experiências. Assim, a narrativa escrita fornece, no próprio movimento da sua escrita, fatos tangíveis, estados de espírito, sensibilidades, pensamentos a propósito de emoções e sentimentos, bem como atribuições de valores. (Josso, 2004, p.186).

No ato de escrever, segundo Josso (p.174) identificamos três eixos de desafios, em que a escrita para as mulheres que cursam Pedagogia são provocadas à:

1) arte da evocação (a artista, sob traços da contadora);
2) construção de sentido (a autora, sob traços de biógrafa);
3) pesquisa (pesquisadora, sob traços da intérprete).

A escrita revela representações da identidade, das influências recebidas, dos momentos decisivos de escolha, do papel das pessoas, recursos ou contingências que as acompanharam, das circunstâncias que obrigaram as aprendizagens, dos desafios assumidos.

Nesse projeto, observamos que desde a primeira turma em que propusemos a escrita do texto narrativo, alguns registros revelaram essas representações. Indubitavelmente, o registro familiar é o mais revelado e marcante nas narrativas analisadas. Além disso, as reflexões sobre si mesmas, que expressam como se veem enquanto mulheres e o que buscam para sua vida são questões que contribuem para nossa análise que segue a cada nova turma.

Simone de Beauvoir afirma que não nascemos mulheres, tornamo-nos mulheres. Já Rosiska Darcy de Oliveira (2006) elabora de forma diferente o enunciado, dizendo que as mulheres nascem mulheres e podem se tornar mulheres

> [...] sendo intérpretes de si mesmas, de seus desejos, falando em primeira pessoa, contrariando as versões inventadas pelos homens. [...] A isso se pode chamar de autoria do feminino, porque até então o feminino fora como uma imagem impressa no espelho, à qual cada mulher, fosse ela quem fosse, se deveria adequar. (Oliveira, 2006, p.38).

Dessa forma, podemos afirmar que exercício de autoria na escrita constitui-se em uma atividade individual, original por excelência, pois vem carregada de subjetividade. Nessa atividade autônoma, nada há para ser decorado, mas tudo pode ser questionado, busca-se compreender o presente pelo viés do passado, como possibilidade de retraçar melhores caminhos para o futuro. Essa "aventura subjetiva", ao ser escrita, organiza as vivências e, ao refletir sobre elas, confere-lhes significação, tornando-se, conforme Josso, experiências de vida.

Temos observado que as alunas e alguns alunos, na sua maioria, permitem que o desafio aconteça e iniciam um processo que acreditamos não ter mais volta: o de pensar-se com o elemento da análise das relações de gênero.

Conclusões

Há uma crítica a essa metodologia de narrativas (auto)biográficas que considera as abordagens biográficas no campo da educação como meras narrativas de histórias, as quais confirmam as teses do seu quadro teórico ou apenas ilustram as intenções generalizadas dos discursos das ciências humanas sobre a educação. Ou ainda, como afirma Josso (2004), os críticos consideram o material secundário, relegado a uma função coadjuvante ou um método qualquer de recolha de dados. Há que se suspeitar dessa crítica e perguntar se não há nessa postura um rechaço ao que vem das experiências das mulheres, da marginalidade, do conhecimento oral.

Por outro lado, há quem reconheça a validade da metodologia, como, por exemplo, o sociólogo Franco Ferrarotti, citado por Josso (2004), que criticou fortemente tal reducionismo positivista, e Philippe Lejeune, também citado por Josso, que, a partir do campo da Literatura, criticou fortemente a indiferença ou o desprezo inicial da área para com o gênero biográfico. Portanto, empenhar-se em um trabalho biográfico durante a trajetória de formação, pode não

ser tarefa de fácil aceitação, mas é necessário "compreender que esta metodologia favorece um conjunto de aprendizagens que vão muito além de um processo de conhecimento de si no registro psicológico" (Josso, p.171).

A (auto)biografia, antes um gênero considerado "marginal", hoje não se configura apenas como mera forma narrativa. Os estudos (auto)biográficos têm avançado significativamente e sua amplitude e importância são cada vez mais reconhecidas nos campos de pesquisa em educação e também dos estudos feministas. Muitos são os fatores relevantes, contudo, destacamos que a narrativa (auto)biográfica requer, de quem narra, iniciativa, ação reflexiva e autonomia, condutas necessárias a serem desenvolvidas na formação docente.

Acreditamos que a apropriação do saber não se dá apenas na sua transmissão. Quando o conhecimento transmitido é refletido criticamente, questionado, pode intervir no cotidiano de quem aprende e ensina, mudando a realidade tantas vezes desumana e injusta, como é o caso da subjugação e desvalorização das mulheres em relação ao trabalho, ao conhecimento e à participação cidadã. No campo da educação, as mulheres estiveram historicamente à margem do espaço da produção do conhecimento. O trabalho docente, assim como outros trabalhos caracterizados pela feminização, é destituído de visibilidade e reconhecimento na engendrada estrutura da ordem patriarcal, que em grande medida ainda submete as mulheres ao silêncio, embora tenha conseguido absorvê-las numa pragmática ação de reproduzir o que já foi construído como conhecimento reconhecido.

Assim compreendemos o mal-estar causado pela escrita de autoria feminina que reflete o preconceito em relação à mulher como produtora do saber. Na concepção freireana, "a atitude crítica é o único modo pelo qual homens e mulheres realizarão a sua integração, superando a atitude de simples ajustamento ou acomodação, pois vendo o ontem, vivendo o hoje e descobrindo o amanhã, poderão apreender os temas, os desafios e as tarefas de uma dada época" (2008, p.213). Dessa forma, Freire estabelece uma relação direta do saber com a historicidade, enfatizando que é preciso ser mais que simples espectador ou espectadora da História, construindo historicidade ao afirmarem-se como sujeitos da História.

A História da Educação nesse projeto de ensinar com a participação das mestrandas no seu estágio de docência têm possibilitado o entendimento do trabalho histórico juntamente com a ação reflexiva na perspectiva de gênero. Dessa forma buscamos uma formação pedagógica que não oculte a consciência histórica de como foram construídos os pilares dos discursos científicos – preconceituosos e/ou sexistas – no campo educativo.

De acordo com Freire, um processo de desenvolvimento da autonomia.

> Todo processo de autonomia e de construção de consciência nos sujeitos exige uma reflexão crítica e prática, de modo que o próprio discurso teórico terá de ser alinhado à sua aplicação.
> [...] Assim, autonomia é um processo de decisão e de humanização que vamos construindo historicamente, a partir de várias, inúmeras decisões que vamos tomando ao longo da nossa existência.
> [...] A autonomia também se caracteriza pela confiança que o sujeito possui no seu histórico particular, é o desenvolvimento do sujeito histórico, de democracia e liberdade que a autonomia vai se construindo. (Machado, apud Streck, Redin, Zitkoski, 2008, p.57).

Qual a mulher que já se dedicou a pensar realmente o que Paulo Freire quis dizer para a realidade da sua vida? Faz grande diferença quando se interpreta a frase acima na perspectiva das relações de gênero.

Trabalhamos em sala de aula com mulheres estudantes do curso de Pedagogia na disciplina de História da Educação, proporcionando por meio de várias leituras a percepção da engendrada estrutura de poder em nosso meio cultural, juntamente com o olhar e a escrita sobre si objetivando "um caminho para si". Instigamos essas mulheres-estudantes a uma tomada de consciência de certas atitudes e práticas arraigadas culturalmente. Questionamos a prática arraigada de 'apenas receber' o conhecimento de História da Educação como algo dado, obedecendo aos livros didáticos, fazendo resumos, e/ou respondendo perguntas em provas. Em muitas das alunas provocamos o mal-estar de ter que suportar o argumento a partir de si mesmas, e isso gerou, em vários momentos, o medo de escrever, a teimosia de dizer que não entendeu, mas ao mesmo tempo gerou a curiosidade de ver como seria escrever a História da Educação a partir de si. Ficou para nós o desafio de sistematizar não apenas experiências de sala de aula, mas uma análise pedagógica de um processo metodológico que temos chamado de uma História da Educação na perspectiva narrativa (auto)biográfica.

Referências

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. As narrativas de si ressignificadas pelo emprego do método autobiográfico. In: SOUZA, E.C. & ABRAHÃO, M.H.M.B. **Tempos, narrativas e ficções**: a invenção de si. Porto Alegre: EDIPUCRS: EDUNEB, 2006.

ANZALDUA, G. "Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do Terceiro Mundo" (trad. Édna de Marco). **Revista Estudos Feministas,** v. 8, n. 1, p. 229-236, 2000.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BEHRENS, Marilda Aparecida. **Paradigma da complexidade:** metodologia de projetos, contratos didáticos e portfólios. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

BENJAMIN. Walter. **O narrador**: considerações sobre a obra de Nokolai Leskov & Experiência e pobreza. In:___. *Obras escolhidas.* 4.ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

CHOPP, Rebecca S. **Saving work** : feminist practices of theological education. Louisville, Kentucky : Westminster John Knox. 1995.

EGGERT, E. A mulher e a educação: possibilidades de uma releitura criativa a partir da hermenêutica feminista. Estudos Leopoldenses, São Leopoldo/ RS, v. 03, n. 05, p. 19-28, 1999.

EGGERT, Edla. domÉstico – espaços e tempos para mulheres reconhecerem seus corpos e textos. In: STRÖHER, M.; DEIFELT, W.; MUSSSKOPF, A. **À flor da pele: ensaios sobre gênero e corporeidade.** São Leopoldo: Sinodal, 2004. p. 225-244.

FIORENZA, Elisabeth Schussler. **As origens cristãs da mulher: uma nova hermenêutica**. São Paulo: Paulinas, 1992.

FIORENZA, Elisabeth Schussler. **Caminhos da sabedoria: uma introdução à interpretação Bíblica feminista.** São Bernardo do Campo: Nhauduti, 2009.

FURTADO, Jorge. **Esta não é a sua vida**. Porto Alegre: Casa de Cinema, 1997, 16 min.

GEBARA. Ivone. As epistemologias teológicas e suas consequências. IN NEUENFELDT, Eliane; BERGSCH, Karen; PARLOW, Mara (Org.). In: **Epistemologia, violência, sexualidade: olhares do II Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião**. São Leopoldo: Sinodal, 2008.

JOSSO, Marie-Cristhine. **Experiências de Vida e formação**. São Paulo:Cortez, 2004.

LAGARDE Y DE LOS RIOS, Marcela. **Los cautiveros de las mujeres**: madresposas, monjas, putas, presas y locas. 4. ed. México: UNAM, 2005.

LOPES, E.M.T. As relações da História da Educação com a História e com a Educação. In: _____. **Perspectivas Históricas da Educação**. São Paulo: Ática, 1986.

MACHADO, Ana Maria. **Bisa Bia, Bisa Bel**. 36ª ed. Rio de Janeiro: Salamandra, 1998.

MACHADO, Rita de Cássia de Fraga. Autonomia. In. STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides.

MOURA, Maria Lacerda de. **A é uma degenerada?** São Paulo: Paulinas. 1924.

MILLS, Charles Wright. **Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

ZITKOSKI, Jaime José.(orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MARQUES, Mario Osório. **Pedagogia:** A ciência do educador. Ijuí: Unijuí, 1996.

OLIVEIRA, Rosiska Darcy de. **Reengenharia do tempo**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Florianópolis: Edusc, 2005